

Casamentos Prematuros em Mocuba: causa e consequência da pobreza

Por: Célia Siteo

No distrito de Mocuba, na província da Zambézia, os pais instigam as filhas menores de idade a abandonarem a Escola para se casarem, na expectativa de diminuir a pobreza: ora porque a filha vai sair de casa, aliviando a despesa familiar, ora porque o genro vai reforçar a capacidade produtiva da família. Contudo, na maioria dos casos, estes casamentos apenas agravam os índices de pobreza e da marginalização da rapariga, pois cedo ela é abandonada pelo marido, que emigra para as cidades, sem deixar rasto. Em outros casos ainda, estas raparigas, que se tornam mães entre os 14 e os 16 anos, são entregues pelos pais a indivíduos já casados, e de idade avançada, a troco de determinados valores monetários...

Casamentos prematuros como causa e consequência da pobreza

Numa missão recente, uma equipa de pesquisa do SEKELEKANI percorreu algumas localidades do distrito de Mocuba, na província da Zambézia, onde ouviu histórias de raparigas que afirmam terem sido instigados pelos pais a contrair casamento, na expectativa de lograr reduzir os níveis de pobreza da família. Uma consequência imediata e comum destas histórias é a contracção de gravidez, e consequente abandono imediato da escola pela rapariga menor de idade. Amiúde ainda, o co-autor da gravidez se furta às suas responsabilidades, sobretudo entre os jovens: estes, sentindo-se, também, presos na armadilha da pobreza, abandonam a mãe adolescente com o filho menor, demandando os centros urbanos, onde esperam, em vão, encontrar meios de subsistência. E assim o ciclo de pobreza se mantém e reproduz.

Este é o caso da Rosana Felizarda, cujo nível de escolaridade limita-se à conclusão da segunda classe. Rossana conta que se casou cedo, acreditando que com o casamento iria sair da pobreza; mas cedo foi abandonada pelo marido, o qual alegou que ia trabalhar em outra província. O homem emigrou para a província de Nampula em Outubro de 2016, e nunca mais deu qualquer

sinal. “ Casei-me cedo por causa da pobreza; com o casamento acreditava que o homem ia me ajudar a comprar roupa e a fazer machamba. No início isso até acontecia isso mesmo, mas ele partiu para Nampula e nunca mais disse nada. Tenho um filho de dois anos com ele”, diz, desalentada a jovem Rossana



Rossana desistiu de estudar para casar mas o marido a abandonou

História semelhante repete-se com Severtina Alberto. Ela conta que conheceu o seu marido quando ainda frequentava a segunda classe e naquele momento interrompeu a escola, para cumprir com o seu novo papel social, o de esposa. Porém, esta condição foi abruptamente interrompida, quando o marido a abandonou sem nenhuma explicação. "Quando ele me abordou, disse que queria casar comigo e eu aceitei porque não tinha dinheiro para comprar cadernos, mas já estou arrependida porque ele me abandonou" desabafa a Severtina.

Seventina tinha o sonho de ser professora, mas com o casamento precoce e destruído, este sonho desvaneceu. Hoje ela faz trabalhos em machambas, actividade localmente designada por “ganho-ganho”, em que o trabalhador é contratado para capinar, semear ou colher, sendo pago por tarefa. Com este valor ela consegue comprar fraldas para o filho, mas o sentimento de arrependimento é muito alto e indisfarçável. “Estou arrependida, se eu tivesse que aconselhar alguém, eu diria que é melhor estudar, casamento não tem nenhuma vantagem”.



Seventina Alberto, com um filho foi abandonada pelo marido.

Alberto Mucochiua, pai da Seventina, é também um homem desiludido “ Se dependesse de mim ela ia continuar a estudar para poder ter emprego”. Alberto conta que permitiu o casamento da filha porque ela insistia que estava apaixonada pelo homem que veio a ser seu marido, mas que, meses depois a viria a abandonar, com um bebe recém-nascido, agora sob os cuidados dos avos.

Por sua vez, a jovem Domingas engravidou de um homem casado, que reside na vila de Mo cuba. Ela conta que o indivíduo em causa não aceitou assumi-la como segunda esposa, tendo apenas assumido o compromisso de cuidar dela e do filho de ambos. Portanto uma perspectiva de

grande insegurança para ela e para o filho que vai nascer. A Domingas abandonou a escola ao sétimo mês de gravidez.



Domingas abandonou a Escola ao sétimo mês de gravidez

Celebrado nestas circunstâncias de pobreza extrema, o casamento não passa de uma união precária e insegura, sendo testemunhado por líderes comunitários locais, além dos pais da rapariga. Segundo os hábitos e costumes locais, o noivo leva apenas consigo alguns alimentos como peixe e farinha para o almoço. Uma bebida de cana-de-açúcar de nome “Catxaço” ou de mandioca “Otega” é preparada para o pequeno número de convidados.

Na sequência do casamento, a família da noiva cede um espaço do seu terreno, aonde o genro vai construir a sua casa. O novo membro da família passa assim a reforçar a capacidade produtiva familiar, partilhando os seus rendimentos com os sogros, com quem partilha até as refeições diárias. Esta é uma das razões que faz com que os pais vejam no casamento uma espécie de alívio da pobreza e aumento da mão-de-obra para produção de alimentos.

Na base dessa crença, Teresinha António, mãe de Ângela, uma menina de 16 anos, permitiu que a filha menor contraísse matrimónio com um jovem de 18 anos que fabrica carvão vegetal. Mas a expectativa cedo gorou-se, pois a pobreza não diminuiu com este casamento “Minha filha casou

porque somos pobres, eu esperava que o marido construísse uma casa para ela mas não estou a ver nenhuma mudança na nossa vida depois do casamento. Não estou feliz por ter casado minha filha cedo mas não tinha outra alternativa para sustentar a casa”, reconhece, arrependida, a mãe de Angela.

As histórias associando casamentos prematuros à pobreza e à vulnerabilidade multiplicam-se por todas as aldeias de Mocuba. Por exemplo, a Verónica João, órfã de pais, de 15 anos de idade, vivendo com a irmã mais velha, não encontrou outra saída senão o casamento para se sentir protegida. Porém, o casamento da Verónica durou apenas um mês, e a sua situação socioeconómica não melhorou. "O meu marido nem casa construiu para mim; apenas deu-me alguma roupa e me abandonou, fixando-se em Quelimane".



Órfã que acreditava na melhoria das condições de vida através do casamento

Os números da desgraça

Os casamentos prematuros são considerados um problema social serio em Moçambique, onde milhares de raparigas em idade escolar, principalmente nas zonas rurais, são vítimas desta prática

que influencia negativamente o seu desenvolvimento. A cada dia que passa cresce o número de meninas que se casam antes dos 18 anos de idade.

Moçambique tem uma das maiores taxas de casamentos prematuros do mundo: encontra-se em 11º lugar na lista, depois do Níger, Chade, República Centro- Africana, Bangladesh, Guiné, Mali, Burquina Faso, Sudão do Sul, Malawi e Madagáscar, contabilizando perto de metade de mulheres que se casam antes dos 18 anos. No continente africano Moçambique ocupa o 10º lugar em África.

De acordo ainda com o CECAP os níveis mais altos de casamentos prematuros em Moçambique estão concentrados nas províncias do Norte do país. Na província do Niassa, por exemplo, pelo menos uma em cinco raparigas casou-se antes dos 15 anos, num universo de 29.892 raparigas. Nesta região, as províncias que apresentam os maiores números de raparigas casadas antes dos 18 anos são Nampula e Zambézia com 256.220 e 190.279 respectivamente. No total, mais de um milhão de raparigas moçambicanas entre os 15 e 24 anos casaram-se antes dos 18 anos, e cerca de um terço casou-se antes dos 15 anos.

Elevado índice de desistência escolar

Os casamentos prematuros têm impacto directo na educação, uma vez que as raparigas abandonam a escola para se dedicarem ao novo papel social.

A directora pedagógica de Escola primaria de Taburua, Sónia Francisco diz que o fenómeno é recorrente na sua escola, não só devido a casamentos precoces, mas também ao trabalho nas machambas, ao lado dos pais.

Por seu turno na escola secundária de Mocuba o cenário é mais notável na oitava classe, em que meninas com idades compreendidas entre os 12 a 14 anos desistem de estudar. Só no ano passado (2016) 23 meninas abandonaram a escola. O director Juma Atumane refere que os pais obrigam as raparigas a contraírem matrimónio alegadamente devido a falta de condições económicas.

A nível da saúde o impacto é igualmente preocupante. O director distrital do serviço de saúde, Jaime Casamento, contou ao SEKELEKANI que no hospital distrital de Mocuba os profissionais de saúde são muitas vezes surpreendidos por meninas menores de idade que procuram fazer testes pré-natais. "Pela aparência física nota-se que são meninas de 14 a 16 anos, portanto sem idade para suportar uma gravidez", destaca o oficial de saúde.

Com vista a mitigar a pratica um grupo de estudantes da Escola Secundaria do Ile criou um núcleo com objectivo de sensibilizar pais e encarregados de educação a manterem as filhas na escola. As mensagens são difundidas de casa em casa, nos momentos de concentração e no canto de aconselhamento criado na escola para o feito.

O Governo Moçambicano através do Gabinete da Primeira Dama lançou em Fevereiro ultimo o projecto de combate aos casamentos prematuros destinado a mobilizar o maior número de sectores a nível nacional, provincial e local no combate a esta violação dos direitos da criança.

O projecto segue-se à aprovação, em 2015, pelo Conselho de Ministros, de uma Estratégia Nacional de Prevenção e Combate dos casamentos prematuros para o período de 2016-2019.